

# Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

As grandes aspirações locais triunfam sempre com auxílio da Pequena Imprensa. Através das suas colunas, quantas obras grandiosas se têm construído e quantas injustiças têm sido reparadas! Ajuda-a, pois.

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 73 — Domingo, 31 de Outubro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## SOBRE FUTEBOL AMADORISTA

# I-A POSIÇÃO DO PROBLEMA

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

SERÁ mais fácil enfiar um camelo no buraco dum ma agulha, do que estabelecer um principio e impor um ideal, no ambiente doentio do futebol português. Tenho lutado inglôriamente neste último objectivo, para concluir que a origem de todos os males está na imensidade de interesses que se agitam, mormente nas esferas superiores das organizações desportivas.

O Lusitano de Vila Real de Santo António, clube de gloriosas tradições, é uma das vítimas dessa política. Isso me levou a esboçar esta modesta síntese do muito que tenho escrito, sobre profissionalismo e amadorismo, no Boletim do Luso do Barreiro, fazendo votos para que os dirigentes do futebol algarvio me compreendam melhor que os dirigentes da Associação de

Futebol de Setúbal. E mais não direi, por agora, a respeito desta gente...

Teria muito prazer em renovar contos velhos, mas o título deste artigo afasta-me do caminho da polémica para, simplesmente, rever ideias que andam no ar. Vamos a elas:

As desconcertantes opiniões dos jornais desportivos

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

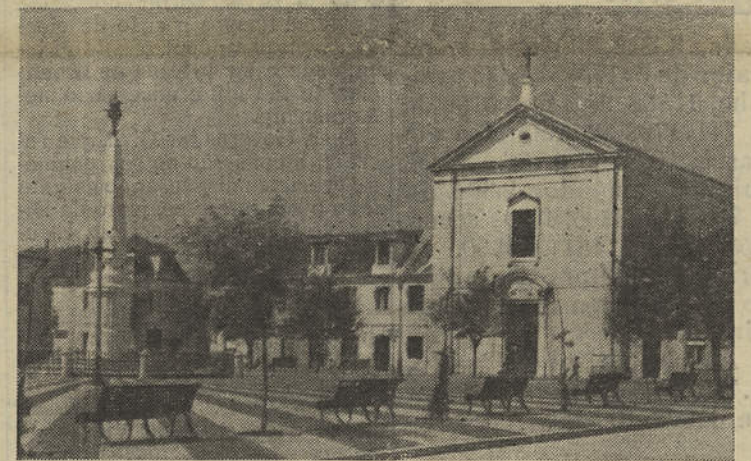
## A Sociologia do Desporto

Uma conferência do sr. capitão Celestino Marques Pereira, na Casa do Algarve

NO próximo dia 4 de Novembro, quinta-feira, pelas 21,30 horas, o sr. capitão Celestino Marques Pereira proferirá, na Casa do Algarve, uma conferência sob o título *A Sociologia do Desporto*, que será seguida da exibição de filmes de aspectos do desporto relacionados com o tema. Presidirá a esta conferência o ilustre Director-Geral dos Desportos, sr. coronel Sacramento Monteiro.

## A NOSSA TERRA

# DONATIVOS PARA A PRIMEIRA FASE DAS OBRAS DO ALTAR-MOR DA IGREJA PAROQUIAL



NUMA expressão iniludível de consciência católica e de compenetração paroquial, os habitantes de todas as condições sociais e económicas da nossa terra, compreendendo o elevado alcance da obra que se vai realizar e pretendendo testemu-

nhar preto e homenagem à sua Excelsa Padroeira—Nossa Senhora da Encarnação—têm acolhi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## TRANSCRIÇÃO

O NOSSO prezado colega «Comércio de Portimão» teve a gentileza de transcrever o artigo intitulado «Balanço Trágico», publicado no nosso número de 19 de Setembro. Agradecemos.

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

### Apontamento

Meia Laranja! A obra começa no título. E, e o povo sabe-o. Um larguinho em meia circunferência, e val o povo: «Meia Laranja.» Um chafariz ao centro, as casinhas de cores berrantes, os banquinhos de pedra, onde os velhos se sentam, aguardando o combóio para a viagem sem retorno. E em frente, Monsanto. Uma névoa azulada, com obscuras manchas cor de tefolo, névoa doentia, cobre a serra. Uma suave tristeza debruça-se, comigo, do varandim da «Meia Laranja», sugerida pela névoa que alastra e preenche o silêncio. Mas em vão. Não há melancolia possível diante das varinas que apregoam, das carroças barulhentas, dos burros carregados de hortaliça, dos meninos que jogam o pião e vêm pôr-se diante de mim com o ranho suspenso do nariz e com uns olhos claros, límpidos e bons. A doença é com a névoa. Com o povo, é trabalhar, amar, viver.

### Críticos

A Bíblia diz, nos «Provérbios»: «que não aceita as críticas é um insensato.» E eu espantoso-me da veteranía de certas verdades!

### Florir cada hora

Vé! não são as exaustivas maratonas que importam. Mas os gestos efémeros aparentemente efémeros. Mas os passos diários. Mas andar... Florir cada hora

E mais que nenhuma, a hora que decorre.

### Nota de reportagem

Pacíficos monstros entram na estação. Param. Descançam finalmente, à espera de nova caminhada, têm a aparência forte e tranqüila do cavador após um dia de labuta honrada. A pouco e pouco, a plataforma da estação fica pejada de embrulhos, caixotes, sacos, máquinas, bidões, madeira... Horas sem fim, fico a ver a mancha multicolor da plataforma. Sobe dela um ar de vida, um aroma de paz, que actua nos meus nervos doentes como um tónico benéfico.

## PORQUE DEIXA DE PARTIR DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

### O «RÁPIDO» DO ALGARVE?!

ACOMPANHADO por uma fotografia da estação de caminho de ferro da nossa vila, a mais ampla e moderna do Sul do País, publicou, há dias, o nosso prezado colega «Diário Popular» um artigo do seu correspondente nesta vila—o nosso estimado amigo e colaborador, sr. Fernando Moraes Rodrigues—o qual, com a devida vénia, nos permitimos transcrever, pelo interesse local de que se reveste o assunto.

«Causou grande desapontamento, em toda a zona oriental do Algarve, a medida tomada pela C. P.—não sabemos com que fundamento—de suprimir o término das carreiras trisemanais do «rápido» do Algarve, nesta vila, fazendo-o partir de Faro e ali deter-se, no seu regresso de Lisboa, segundo os novos horários que começam a vigorar em 1 de Novembro, próximo.

Ao natural regozijo causado pelo estabelecimento de novos serviços de automotoras, que muito virão beneficiar o tráfego ferroviário no litoral algarvio, de Vila Real de Santo António a Lagos, com oito circulações diárias em ambos os sentidos, sucedeu,

## BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

NA passada 5.ª feira, estiveram nesta vila os seus presidente do Conselho Administrativo, sr. Arthur Cupertino de Miranda, e administrador, sr. Joaquim Vinhas Cabrita, que vieram visitar as dependências daquele importante estabelecimento de crédito no Algarve.

Os ilustres visitantes, que foram recebidos pelo inspector do Banco, sr. Santos Martins, e pelo antigo gerente, sr. João Marcelino Ribeiro Fernandes, que os acompanhou desde Faro, nomearam para desempenhar o cargo de gerente da sua agência nesta vila o seu antigo tesoureiro, sr. Luís Gonçalves Camarada, nosso prezado conterrâneo e querido amigo, a quem, por esse motivo, apresentamos os nossos cumprimentos.

como um balde de água fria, a desoladora medida de obrigar todos os passageiros da zona sotaventina a irem tomar o «rápido» à capital do Algarve, contando apenas com uns escassos oito minutos, que tais são os concedidos pela automotora de ligação com aquele combóio. Vêm-se, assim, grandemente lesadas importantes localidades, como esta vila, Caceia, Tavira, Fuzeta e Olhão, as quais fornecem considerável contingente de passageiros para as carreiras do «rápido».

Além do transbordo forçado no Barreiro, vem impor-se aos viajantes para a capital mais um outro transbordo em Faro, acrescentando que, entre aqueles, vieram muitos estrangeiros em direcção

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## A MIRAGEM DO CASAMENTO ANTES E DEPOIS

Por MARCOS ALGARVE

ESTE caso passou-se há um mês, pouco mais ou menos.

Farejava um semanário algarvio, na segunda ou terceira página, com a curiosidade própria dos filhos de Faro ou de Olhão, que são, por excelência, os mais subitís algarvios que se aproximam dos perdigueiros. Ia já, fatigado e aborrecido, arremessar o jornal para um canto. Os meus olhos de miope, porém, toparam nesse instante com esta vulgar notícia: a anulação da autorização do casamento dum professor, cujo nome se mencionava. Fiquei perplexo, apesar do nome ser para mim desconhecido.

Que drama ou que comédia se teria desenrolado à volta daquela professora? Seria bonita, ou feia? Ainda se fosse feia e rical. Mas com certeza que era pobre.

As professoras portuguesas são como as mulheres inglesas—raramente gentis. Pesa sobre elas uma estranha fatalidade.

A primeira vez que envievei, tive à perna uma dessas figuras angulosas de professoras. Estava resignado com a minha sorte. Sofria em silêncio. Mas ela perseguia-me, cercava-me de visitas e palavras ternas, carinhosas, veludosas...

Em uma noite de confiança

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## DE VEZ EM QUANDO...

# A FAMÍLIA

Por TRINDADE E LIMA

NUM dos últimos números deste jornal, vinham publicadas umas notas sobre o movimento demográfico do Algarve.

Fixei, com especial atenção, a parte referente ao meu concelho, de todos e de longe o mais desnivelado nos números que se apuraram de casamentos e óbitos, sendo estes quase o triplo daqueles. Não me causou grande surpresa este facto, porquanto sei que ali, de há bastantes anos, a família, na sua maior parte, não assenta em base legal e alguma até é acentuadamente imoral.

Com pretextos fúteis, avulta o de se esquivarem a despesas de maior volume. E' certo que as festas de casamento mediam banquetes pantagruélicos, com infinitas pessoas, ficando os noivos, muitas vezes, ao outro dia, sem terem que comer em

casa. Mas também é certo que eles se podem realizar sem esses arruados e nesse número estou eu incluído, sem outro motivo que não fosse dar uma íntima espiritualidade a um acto que se queria que fosse duradouro enquanto vida dos contraentes.

E' já um lugar comum dizer-se que a família é a célula base da sociedade e que o composto não pode apresentar consistência se forem deliquescentes os componentes.

E' um dever, que incumbe a quem tem obrigações de educação ou direcção, combater pela formação legal e moral da família.

Há muitos anos, roçava eu ainda as calças pelos bancos do liceu, conheci um velhote amigo de meu Pai e eu amigo dos seus dois filhos. Era possuidor de um bom passado e não quero

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

## INDEPENDÊNCIA NAS IDEIAS OU O MITO DA IMPARCIALIDADE

Por N. RODRIGUES PENA

COM frequência, deparamos com pessoas que nos afirmam não estarem subordinadas a qualquer programa de ideias, às opiniões do tempo, às influências das relações sociais.

«Vejo os problemas dum maneira muito pessoal, estou acima de todos os acontecimentos, das paixões do momento; interessamo apenas pela veracidade dos meus juízos, perfito apenas um método; a imparcialidade; ambiciono, unicamente, alcançar a verdade. Enfim, um vistoso ramalhete de ideias capazes de apaixonarem qualquer sujeito que tenha o delicioso prazer das ideias puras e das atitudes isentas de quaisquer compromissos.

Ora, com esses indivíduos acontece precisamente o mesmo que na lenda do pássaro azul, quando tentavam lançar-lhe a mão, o pássaro mudava de cor. Não é difícil verificar que a aceitação de tais absurdos conduz fatalmente ao livre arbítrio, à crença de que o homem é inteiramente livre na sua vida, nos seus actos, nos seus pensamentos. Ora, por mais que pese ao homem e amesquinhe o seu orgulho de rei da natureza—o conceito dos postulados da «liberdade», da «verdade» não são tão amplos como se julga, nem tão independentes como erradamente se acredita. Não é a nossa consciência que forma o mun-

do, mas, pelo contrário, é o mundo que cria a nossa consciência.

Por mais que me torture ou lamente, não posso deixar de viver no mundo onde todos nós vivemos. Ora o mundo, o nosso mundo, não é «vontade e representação» como o considerava Schopenhauer, não é pois uma abstracção—mas sim uma realidade, uma coisa concreta. Por mais que esse indivíduo possua esse poder de abstracção, essa vantagem de se alhear das realidades do mundo, não o poderá fazer totalmente, jamais poderá quebrar os laços que o ligam ao mundo, de sofrer as suas influen-

cias, pensar esse mundo. Não há prazer comparável ao da Abstracção dizia Moniz Barreto — *Ensaio de Crítica*. Mas o poder de abstracção, como meio para se conseguir a felicidade, só nas puras novelas encontra lugar. Não podemos acarinhar na nossa imaginação um mundo de prazer, quando o mundo real nega todo o sentido de felicidade. A verdadeira felicidade do indivíduo exige também que os outros o sejam— a existência de outras vidas felizes, vivendo ao nosso lado— é condição absoluta para a nossa própria felicidade.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## SIGNIFICATIVA HOMENAGEM AO DR. GUERREIRO MURTA PRESTADA PELA CASA DO ALGARVE EM LISBOA

CONSTITUIU uma importante manifestação intelectual e regionalista o almoço de confraternização realizado pela Casa do Algarve em Lisboa, no dia 24 do corrente, em homenagem ao seu antigo presidente da Direcção e sócio benemérito, sr. dr. José Guerreiro Murta, ilustre escritor e pedagogo, actual reitor do Liceu de Passos Manuel e presidente da Direcção do Montepio Geral.

Cerca de 150 convivas, entre os quais numerosas senhoras, encheram o vasto salão de festas daquela prestigiosa colectividade. Na mesa de honra, ocuparam lugares ao lado do homenageado os srs. dr. Amadeu Ferreira de Almeida e major Mateus Moreno, presidentes da Assembleia Geral e da Direcção; as esposas do homenageado e do sr. conselheiro dr. Sousa Carvalho; este e o sr. dr. Sousa Carrusca, como representantes da Assembleia Geral do Montepio Geral e do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve; as senhoras de Libânio Correia e de Mateus Moreno; deputados dr. Cancela de Abreu e

coronel Sousa Rosal; dr. Ferreira Deusdado, representante da Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro; dr. Quirino dos Santos Mealha, presidente da Direcção da F. N. A. T.; engenheiro Francisco Cavalheiro Ferreira e esposa; dr. António Pedrosa Pimenta, vice-governador do Banco Nacional Ultramarino; eng. dr. José António Madeira, maestro Pavia de Magalhães e dr. A. de Sousa Pontes, dos corpos gerentes da Casa do Algarve; dr. José Gomes Branco, do Instituto para a Alta Cultura; dr. Ascensão Mendonça, chefe da Missão Botânica de Angola e Moçambique; juiz-corregedor dr. Alberto Toscano; prof. Martins Barata, escultor Raúl Xavier, dr. Raúl Carmo e Cunha, prof. dr. Monteiro da Costa e Ventura Abrantes, do Grupo «Amigos de Olivença». Em frente do homenageado, em mesas perpendiculares à sua, tomaram lugares os srs.: dr. Aureliano dos Santos Felismino, director-geral da Contabilidade Pública; engenheiro Cândido Duarte e esposa, prof. dr. Beirão da Veiga, almirante Filipe Castela, prof. dr. Francisco do Carmo e Cunha, D. Maria Alice e D. Maria Irene Deusdado, H. Neves Franco e dr. Garcia Domingues (1.º secretário da Casa do Algarve e presidente da Comissão Cultural), prof. dr. André Velasco, dr. Américo Durão, arquitecto Jorge Segurado, Augusto Sá da Costa (pai), dr. José Gonçalves Vaz, D. Maria Antónia França Borges, Libânio Correia, D. Maria Luísa Carmo e Cunha, dr. Humberto Pacheco, António Guerreiro de Galla, dr. José Isidro Rocheta, dr. Semob Sequer-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## GAMPANHA NACIONAL de Educação de Adultos

TORNA-SE público que, por autorização superior, o prazo para a inscrição em Campanha dos Adultos analfabetos, foi prorrogado sem data fixa, aceitando a Direcção Escolar todos os impressos de inscrição.

# Notícias PESSOAIS

## Partidas e Chegadas

A continuar os seus estudos, seguiu para Lisboa o sr. Fernando Abecasis Vargas Marques, aluno do Instituto Superior Técnico, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques.

De Luanda, onde desde há tempo residia, regressou a esta vila, com sua família, o nosso prezado assinante sr. José Domingues.

Encontra-se nesta vila, de visita a seus pais, o nosso prezado assinante, sr. Miguel António Socorro Domingues, filho do nosso amigo sr. Manuel da Silva Domingues, conceituado industrial nesta vila.

Encontra-se entre nós, acompanhado de sua família, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. capitão António Gonçalves, residente em Setúbal.

Seguiu para Lisboa, donde partirá de avião, para a Alemanha, em viagem de turismo, a distinta poetisa nossa colaboradora, sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Dominguez Ramirez, prezada filha do nosso estimado assinante, sr. João Cumbreira Ramirez, que vai acompanhada de seus primos, sr. Emilio Garcia Ramirez e esposa. No regresso, visitará a Alemanha, Luxemburgo, Bélgica, França e Espanha, conduzindo um automóvel Mercedes-Benz adquirido por seu pai naquele País.

A todos desejamos uma feliz viagem.

De visita a seus pais, encontra-se entre nós, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. João Cumbreira Centeno de Sousa.

Em gozo de licença, encontra-se nesta vila, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alfredo Rodrigues.

Deu-nos o prazer da sua visita à nossa Redacção o nosso prezado amigo e assinante, sr. Augusto Valente Parreira, funcionário superior da firma Emygdio Lima, em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante e amigo, sr. António Rosa Mendes, residente em Vila Nova de Cacela.

Após alguns anos de ausência na Madeira e em Lisboa, regressou a esta vila a sr.<sup>a</sup> D. Albertina Martins F. Pereira.

## Casamentos

Realizou-se, no passado dia 24, na Igreja matriz desta vila, o enlace matrimonial da sr.<sup>a</sup> D. Maria José dos Santos Esteves, filha da sr.<sup>a</sup> D. Rita dos Santos Esteves e do sr. Manuel dos Santos Esteves, com o sr. José Bernardino, filho da sr.<sup>a</sup> D. Aldegundes Alves e do sr. José Bernardino.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, a sr.<sup>a</sup> D. Glória da Conceição Esteves e o sr. Manuel Caldeira Esteves, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Lilianna Bento Baptista e o sr. Rúbens Aleixo Baptista.

«Notícias do Algarve» deseja as maiores felicidades ao novo casal.

**Tinturaria Portuguesa**  
APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

## De vez em quando...

# A FAMÍLIA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

afirmar, porque talvez não fosse verdade, de avantajados bens. Muitas vezes, meu Pai insistiu com ele para que desse base legal à sua união com a companheira de tantos anos e que atentasse na situação dela, no caso de ele abalar primeiro, que foi o que aconteceu.

Resposta invariável: «Ai lhe ficam os filhos, para que cuidem dela».

Deixei de os ver. Soube, mais tarde, que a infortunada batia às portas, da sua vila pedindo esmola e veio a morrer, de todos abandonada, num casebre que servia de palheiro.

Creio que exemplos destes todos conhecem.

Cumpra agir, para editá-los, em benefício de todos, porque todos são nisso interessados.

Trindade e Lima

# ELEMENTOS ESCLARECEDORES

## PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

### Exportação de conservas

Tem sido propício o ano decorrente à nossa indústria de conservas. O peixe não tem escasseado e a capacidade de absorção dos mercados não está ainda esgotada. Eis alguns números das nossas exportações referentes aos primeiros oito meses deste ano: atum e similares, em salmoura, 409.770 quilos, no valor de 7.445.946\$00; atum em azeite ou molhos, 2.127.182 e 45.709.853\$00; cavala em azeite ou molhos, 536.611 e 9.766.493\$00; sardinha e similares, em salmoura, 525.041 e 3.526.354\$00; sardinha em azeite ou molhos, 19.313.730 e 277.521.820\$00; similares de sardinhas em azeite ou molhos, 2.329.542 e 51.735.863\$00.

Conservas de produtos hortícolas, que não se fabricam ainda no nosso concelho, 541.506 quilos, no valor de 3.909.295\$00.

Os principais importadores de conservas foram: Alemanha, no valor de 71.249.395\$00; Reino Unido, 61.038.108\$00; Itália, 59.562.874\$00; Estados Unidos, 55.910.627\$00 e Bélgica-Luxemburgo, 27.689.370\$00.

Adquiriram também conservas cujo valor, por país, ascendeu além de dez mil contos, a França, África Ocidental Britânica, Suíça e Cuba. O Congo Belga

## O «RÁPIDO» DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

a Espanha ou provindos deste país, a quem a nova alteração em nada pode beneficiar. E nada pode também prestigiar um serviço público, como o da C. P., ao suprimir-se uma ligação internacional ferroviária, numa importante vila da fronteira, que possui a melhor e mais bela estação do Sul do País e um posto internacional de fronteira modelar.

Tudo indicaria que se facilitassem aos passageiros os meios e as comodidades indispensáveis para que mais se desenvolvessem o gosto e a segurança de viajar pelo caminho de ferro, fornecendo, ao mesmo tempo, a quem nos visita, um índice de progresso e de renovação, de que as comunicações constituem um expoente valioso. Por isso, e sejam quais forem as determinantes desta decisão da C. P., aguardamos que o assunto seja revisto, para que os nossos serviços ferroviários acertem o passo — pelo menos, no Sul de Portugal — com as exigências da época em que vivemos.

Consta que os municípios e as forças vivas das localidades principais do Sotavento do Algarve vão enviar uma exposição de protesto tendente a que seja anulada a alteração quanto ao término do «rápido», constante da nova tabela de horários.

## AUTOMOTORAS PARA OS ESTUDANTES

DANDO satisfação às numerosas e justas reclamações apresentadas pelos estudantes residentes no Sotavento do Algarve, pelo motivo de os novos horários de automotoras não se ajustarem aos das entradas e saídas das aulas, a C. P., numa atitude compreensiva e louvável, decidiu estabelecer mais duas carreiras de automotoras — uma em cada sentido, de Vila Real de Santo António (Guadiana) a Faro e vice-versa, cujo horário é o seguinte:

**DE MANHÃ**  
Partida de V. Real (Guad.), 6,20 h.  
Chegada a Faro, . . . . . 7,47 h.

**À TARDE**  
Partida de Faro . . . . . 18,28 h.  
Chegada a V. Real (Guad.) 19,53 h.

Estas carreiras não se efectuam aos domingos nem nos dias de feriado nacional, e terão início a partir de amanhã.

comprou-nos conservas, no valor de 6.274.703\$00.

O óleo de sardinha exportado, nos citados meses, foi de 1.164.679 quilos, no valor de 5.251.482\$00. Os principais compradores foram, a Noruega e a Alemanha.

### Exportação de frutos secos

Nos mesmos meses, exportaram-se: Alfarroba triturada, 3.812.930 quilos, no valor de 5.175.578\$00; grão-de-bico, 1.868.241, no valor de 4.741.179\$00; amêndoa em casca, 102.095 e 736.450\$00; miolo de amêndoa, 3.394.470 e 74.075.773\$00; figos secos, 353.462 e 1.131.196\$00. O principal comprador de miolo de amêndoa foi o Reino Unido.

Alimentos para gado, 1.715.335 quilos, no valor de 4.098.108\$00.

### Comércio de cortiças

Ainda nos mesmos citados meses, exportámos 86.381.054 quilos de cortiça em aparas, prancha, refugio, serradura e virgem, no valor de 571.262.742\$00 e 21.638.379 quilos de cortiça em obra, no valor de 397.302.475\$00.

### Abundância de peixe

Transcrevemos dum jornal do Norte: «As magnificas condições que já hoje oferece a barra de Aveiro tem permitido que grande número de traineiras na faina de pesca nos mares de Aveiro, aqui venham descarregar muita sardinha e carapau, que se tem vendido a preços, por vezes, baratíssimos.»

Se por um lado o facto é animador, por outro lado, aquele que diz respeito a pescadores e armadores é desanimador. E isto, porque a abundância excessiva acaba por provocar a desvalorização do pescado e portanto um cerceamento de lucro dos que na faina ru-de da pesca procuram ganhar o seu pão. Que serve encher as redes de peixe, se este não alcança o seu justo valor? Valerá a pena deslocar barcos para regiões onde a pesca não obtém a legitima retribuição? Cre-mos que não, e mais uma

# CAMINHEIRO

poema de Mendes de Carvalho

Nem o voo da ave no azul,  
nem o caminho enflorado,  
nem o que os homens disseram,  
nem os teus olhos negros me prenderam.  
Quero partir com a manhã.

Tudo o que tenho é pouco.  
O meu pensamento quebrou algemas!  
Deixai-o partir e deixai-me partir.  
Eu vou partir.

Para onde? Para onde?  
Rumo ao norte? Rumo ao sul?

Só sei que sou caminheiro da longa estrada,  
só sei que sou caminheiro da estrada clara,  
da estrada sem covas, coberta de azul.

Não posso ficar!  
Nada me basta.  
Já disse que não me basta!

Ah, não caminhar de cor  
e escrever o último poema  
no céu da derradeira noite!

# PROVINCIA

## LUZ DE TAVIRA

### Energia eléctrica

No passado dia 28 do corrente, deslocou-se ao Governo Civil de Faro uma comissão constituída pelos membros da Junta de Freguesia, Casa do Povo, União Nacional, pároco José Arsénio Águas e outras individualidades locais, tendo o sr. capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal do concelho de Tavira, que acompanhou a comissão, exposto ao sr. Governador Civil que o motivo que ali o levava era pedir a sua valiosíssima interferência no sentido de ser feito, quanto antes, o fornecimento de energia eléctrica, visto já se encontrar concluída desde há tempos a rede de electrificação, e a população desta localidade estar privada de beneficiar de tão útil e necessário melhoramento.

O sr. Governador Civil, que recebeu a comissão no seu gabinete, prometeu dispensar ao assunto todo o seu interesse, junto da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos.

### Casamento

Na igreja matriz desta freguesia, consorciaram-se, no passado dia 24 do corrente, a sr.<sup>a</sup> D. Maria João Viegas de Sousa, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Clara de Sousa e do sr. João Viegas de Sousa, com o sr. José Januário Guerreiro Sobrado, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Guerreiro e do sr. Custódio José Sobrado.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, as sr.<sup>as</sup> D. Belmira das Dores Silvestre Mendonça e D. Natália Sales Soares, e por parte do noivo, os sr.s. Alexandre Reis e Aldomiro Fernandes.

Ao novo casal, que fixou residência em Olhão, desejamos muitas felicidades.

### Falecimento

Após prolongado padecimento, faleceu, no passado dia 26 do corrente, o sr. José Madeira Nobre Teixeira, de 71 anos de idade,

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



### TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

vez se confirma o velho aforismo de que no meio é que está a virtude. — J. B.

## LUZ DE TAVIRA

### Energia eléctrica

O extinto era pai da sr.<sup>a</sup> D. Joaquina Maria Nobre Teixeira Algarvio, sogro do sr. dr. Manuel Rita Algarvio, 2.º verificador do quadro técnico aduaneiro em Vila Real de Santo António, e avô do sr. Rui José Nobre Teixeira Fialho, estudante.

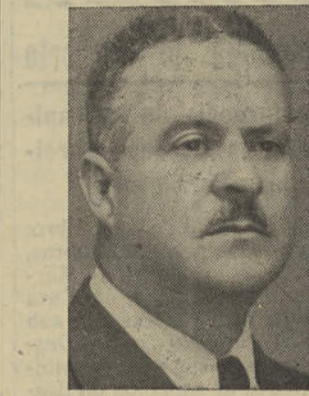
A família enlutada, o «Notícias do Algarve» endereça sentidos pêsames. — C.

## APRECIÇÃO LITERÁRIA

### « MEMÓRIAS dum ferroviário »

#### de Pedro de Freitas

«MEMÓRIAS dum ferroviário», do nosso compatriota sr. Pedro de Freitas, lê-se com agrado e com proveito. Sendo em grande parte uma autobiografia, é simultaneamente uma história dos caminhos de ferro em Portugal, apresentada em linguagem simples, sem arrebiques literários e sem outra pretensão que não seja dar nítida ideia ao



Pedro de Freitas

leitor do que é a complicada e trabalhosa vida do ferroviário e a não menos complicada orgânica dos serviços dos caminhos de ferro.

O autor, numa linguagem viva e popular, descreve-nos, às vezes com certa porção de ternura, como no caso do «Salão de primeira classe n.º 61», certas facetas do mundo da calha e da chulipa, que nos impressionam pelo que revelam do mistério da vida ferroviária e também das singularidades de alguns dos muitos passageiros com quem conviveu, nos seus longos anos de serviço.

Há de tudo, nas «Memórias dum ferroviário»: história, biografia, técnica e humorismo. Há também uma grande porção de humanidade, ao descrever-se a vida árdua e apagada dos agentes ferroviários, aos quais está confiada a segurança de quem viaja e a quem, por força das circunstâncias, tem que ser indiferente se é noite ou dia, se o tempo está bom ou se o temporal flagela e destrói.

É um livro singular e que se lê com prazer, fornecendo-nos, através da autobiografia do autor, elementos e notícias muito curiosas sobre essa laboriosa e útil classe dos ferroviários. E curioso é ainda, porque através das suas páginas se revelam as qualidades de inteligência e pertinácia de um homem que, tendo começado a sua vida como modesto carregador na estação de Casa Branca, ascendeu a postos de relevo e obteve uma certa porção de cultura que lhe permitiu passar ao papel as suas memórias e editá-las, com proveito para os seus leitores e brio para a sua classe.

A capa, expressiva e bem desenhada, é do jovem artista A. Mota. — J. B.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

# AGENDA

## Vida religiosa

Horário das missas (domingos e dias santificados):  
às 8 horas, 9 horas (missa das crianças) e 12 horas, na igreja paroquial;  
às 10,30 horas, na capela de Nossa Senhora das Dores, em Monte Gordo.  
Restantes dias da semana:  
às 9,30 horas, na igreja paroquial.

## MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 22 a 28 de Outubro:

### TRAINEIRAS

Agadão . . . . .	106.395\$00
Raulito . . . . .	67.080\$00
Flor do Guadiana . . . . .	66.450\$00
Janita . . . . .	54.650\$00
Infante . . . . .	48.170\$00
Maria Rosa . . . . .	46.075\$00
Flor do Sul . . . . .	45.795\$00
Sam Domingos . . . . .	45.740\$00
Bátnha . . . . .	42.805\$00
Tufão . . . . .	41.279\$00
Deolinda Rita . . . . .	41.270\$00
Briosa . . . . .	39.128\$00
Carmela . . . . .	38.340\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	38.305\$00
Liberta . . . . .	29.005\$00
Brisa . . . . .	24.125\$00
Tôluz . . . . .	16.920\$00
Novo S. José . . . . .	8.336\$00
Restauração . . . . .	3.990\$00
Oeste . . . . .	520\$00
Total . . . . .	804.378\$00

### CERCO

Amazona . . . . . 23.170\$00

## Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 22 a 28 de Outubro:

### Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, com adubo, para Alcoutim e Pomaral.

### Saídos:

COSTEIRO e ZÉ MANEL, Portugueses, ambos para Lisboa, com minério.

## FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 30 de Outubro a 5 de Novembro, a Farmácia CARMO, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

## Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21  
MATOSINHOS

## MOVIMENTO ESCOLAR

POR determinação superior, foi colocada, em comissão de serviço, na escola primária do sítio das Hortas, nesta vila, a nossa prezada assinante, sr.<sup>a</sup> professora D. Luísa Alves Nunes.

## Agradecimento

A família da falecida Francisca da Encarnação Santos, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram assistir ao funeral de sua muito querida e saudosa mãe, sogra e avó, e receando incorrer em qualquer falta embora involuntária, manifesta a todos o seu perdurável agradecimento.

## CRIADA

Com conhecimento de cozinha, precisa-se. Informa-se na Redacção deste jornal.

No próprio interesse de V. Ex.<sup>a</sup> deverá fixar a firma

# TIPOGRAFIA COPADO

## FÁBRICA DE CARIMBOS

### III UBIHI IA JUUVIINU

Meio século de existência garante a perfeição dos seus SERVIÇOS GRÁFICOS

TELEFONE 59 APARTADO 8

## VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



**DESPORTO**

**FUTEBOL**

**Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)**

**Comentários aos encontros da passada jornada**

O FUTEBOL algarvio saiu vitorioso, na 8ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão, (Zona Sul). Portimonense, Olhanense e Farense foram invencíveis nos jogos que disputaram, atestando tal facto os pergaminhos que possui o valioso desporto algarvio.

Na capital do distrito, a aguerrida equipa do Farense venceu, com toda a justiça, o onze do Montijo, por 8-2. Ao intervalo, já vencia por 8-1. O primeiro tempo foi sem dúvida do Farense, pois jogaram quase os quarenta e cinco minutos na grande área visitante. No segundo tempo, e como já venciam por duas bolas de diferença, abrandaram a marcha, motivo por que não fizeram mais alguns golos. O espanhol Vinuesa, foi a grande figura do encontro. Todos os outros jogaram em plano de igualdade. No Montijo, destacaram-se, o defensor direito e o treinador-jogador, Gimenez. Parabéns, pois, aos farenenses.

Em Lisboa, o Portimonense empatou com o Arroios, a uma bola. O resultado foi feito no primeiro tempo. Segundo a crítica, a equipa algarvia deixou excelente impressão. Distinguiram-se: Moniz, Reis e Hilário. No Arroios, Paiva foi o jogador mais destacado.

Ocupamo-nos, agora, do jogo realizado em Montemor-o-Novo, entre os olhanenses e os alentejanos. A vitória dos briosos algarvios foi, a todos os títulos, justa pela superioridade que demonstraram através dos noventa minutos de jogo, disputado com virilidade e entusiasmo, nunca faltando a correcção. Quando o silvo final do árbitro, Joaquim Campos, se ouviu, para dar por terminado o jogo Montemor-Olhanense, todos os que assistiram ao emocionante encontro, estavam de acordo quanto ao desfecho do prélio. E tanto assim

era, que a assistência, numa manifestação de desportivismo, que a crítica não pode passar despercebida, não deixou de aplaudir, com uma vibrante salva de palmas, o onze olhanense.

Aparte uma pequena quebra, a meio do segundo tempo, a turma visitante, sabendo-se adaptar melhor às condições do terreno, que a chuva momentos antes alagara, foi sempre superior aos alentejanos. Enquanto estes se preocupavam em endossar o esférico de uns para outros, em passes curtos, criando dificuldades que depois não conseguiam resolver, os olhanenses adaptaram-se em passes largos, galgando terreno, conforme estava indicado devido ao estado do campo. E assim, com mais facilidade e menor dispêndio de energias, chegaram à zona de remate.

Mas, além destes promenores, é justo salientar que os visitantes foram sempre os primeiros a chegar à bola, ganhando todos os ressaltos, a atestar bons reflexos. Em contrapartida, a equipa alentejana fez um jogo característico, embora nunca voltando a cara ao adversário. Os montemorenses não estavam nos seus dias — excepção feita a José Luis, grande guarda-redes, que fez um punhado de defesas de classe.

A arbitragem, do senhor Joaquim Campos, teve algumas falhas que não influíram no resultado.

**Hoje, Olhanense — Oriental**

O Estádio Padinha recebe hoje a valorosa equipa de Lisboa. O jogo, estamos certos, vai ser um cartaz excelente. A vitória da equipa algarvia — o que parece tudo o indicar — fará levá-lo para 2º lugar na classificação. Arbitra o sr. Joaques Matias, de Setúbal.

Heroulano Valente

**A NOSSA TERRA POSSUI UM GRUPO DRAMÁTICO QUE A HONRA**

INTEGRADO na popular agremiação de honrosas tradições, a Glória F. C., o Grupo Dramático «Gil Vicente», contando já mais de uma dúzia de anos após a sua fundação, tem-se evidenciado um valioso elemento de acção cultural, empreendida, em hora feliz, por este clube. O seu historial, acusando as vicissitudes próprias dos agrupamentos cuja única vitalidade provém do entusiasmo dos seus dirigentes e da luta constante contra a carência de recursos, acusa, contudo, uma obra limpa, interessante e, digamos mesmo, benemérita. Da parte dos associados ou até mesmo dos que, arrostando com os preconceitos, chegam a tornar-se razoáveis amadores dramáticos, a obra cultural e educativa está à vista e bem patente, neste meio actualmente limitado no tocante a manifestações artísticas e rotineiro no dia a dia, pela natural pacatez provinciana da vila, e o contributo prestado por esta secção tem-se revelado um estímulo real para a subida do nível intelectual de grande porte da população.

Procurámos tomar contacto com a vida do Grupo Dramático «Gil Vicente», através da pessoa que melhor nos podia elucidar, o senhor José Padesca, seu fundador e director artístico, um apaixonado desde sempre pela vida teatral. Aqui deixamos os tópicos principais da nossa conversa amigável, na certeza de que interessarão aos leitores deste simpático semanário, ou contribuirão, pelo menos, para interessar os vilarealenses pelo progresso futuro desse grupo artístico, merecedor da ajuda de todos.

Encetamos a troca de impressões, revivendo um pouco o passado teatral da nossa vila e o nosso interlocutor declara-nos:

— O meu amor por estas coisas teatrais radica-se na minha juventude, em que vi actuar, no antigo Teatro Alexandre Herculano, os maiores artistas da cena portuguesa. Em Vila Real, as únicas exhibições de amadores que havia eram esporádicas, e feitas apenas com fins beneficentes, por agrupamentos de ocasião, que se dissolviam depois das récitas. Consta-me, todavia, ter existido anteriormente um famoso grupo de amadores denominado «Talia», que já não cheguei a conhecer, o qual, segundo testemunho de pessoas desse tempo, foi do melhor que nessa época existiu, chegando a rivalizar com os profissionais. Isto documenta bem que Vila Real é uma terra de tradições teatrais, em que a formação artística era encarada como coisa útil e necessária, e não, como se esquecidos os nomes dos excelentes amadores já falecidos, senhores Francisco Malaquias Domingues, Manuel Garcia Ramirez, Joaquim Ribeiro Alves, Alberto Campeão e tantos outros.

— E depois desse grupo? — Depois desse a que me referi, veio o actual grupo «Gil Vicente», estabelecido quando o Glória conseguiu obter a sede actual. Ocorreu, porém, mencionar que foi por mim fundado um outro grupo dramático, sob a égide de «Alves da Cunha», no Clube Recreativo Lusitano, mas também este teve duração fugaz, posto que ainda tivesse actuado em peças de certa projecção.

— E quanto ao actual grupo, tiveram facilidades?

— É claro que todos os começos são difíceis. Auxiliados por alguns entusiastas, entre eles o nosso conterrâneo sr. Alfredo Noia de Brito, actualmente sócio-gerente de uma importante firma industrial, no Chile, começámos, na nova sede do Glória, por construir um palco, que, se não era o que pretendíamos, foi excelente para começar. Fez-se teatro modesto, como era natural, e coadjuvamos-nos, como primeiros ensaiadores, o sr. Vital A'vila Avelar e o velho amador já citado, sr. Francisco Malaquias, que durante algum tempo nos assistiram, revivendo o seu saudosismo pela cena.

— E depois destes?

— Ainda em digressão pelo passado já mais próximo, vieram depois, como ensaiadores, César Machado Pinto Pontes e António Baradas, elementos devotados. Mas, para se manter um grupo devidamente organizado, a luta foi difícil, sobretudo devido aos preconceitos próprios do meio local. Ainda hoje, embora mais atenuadamente, eles predominam, evitando que venham para o grupo senhoras com reais dotes artísticos e certo nível de instrução. É caso para lamentar, quando sabemos que, noutras terras do país, há senhoras de todas as classes, mesmo casadas, bem como homens de idade, que tomam parte em récitas, sem que tal os diminua... muito pelo contrário!

— A persistência é tudo, e com boa propaganda...

— Tenho esperanças nisso. Mas permita-me que me orgulhe de termos conseguido, finalmente, arranjar um grupo homogenio, que es-

peramos aumentar em número e em valor, pois do nosso cartaz já constam várias peças de responsabilidade, que levámos à cena, especialmente no género musicado, que o meio local muito aprecia.

— Pode citar-me, o amigo Padesca, algum elemento que no género musicado se tivesse destacado mais?

— Se bem que esta modalidade sofra actualmente um pouco de crise, por carência de vozes, possuíamos antes alguns amadores competentes, que já se retiraram, e aproveito para citar a perda dum valioso elemento que, felizmente para ele e honrosamente para a nossa terra, está a fazer carreira artística na capital. Trata-se do nosso conterrâneo João Rosa, que está a actuar em S. Carlos, e, segundo consta, de forma auspiciosa.

— E quanto ao aspecto material?

— As comodidades já obtidas, entre as quais, um palco com boas condições para amadores, camarins limpos e com água corrente, nova platéia na sala de récitas, melhor distribuição de luz, um gabinete adequado e decente para os dirigentes do grupo cénico, etc., constituem realizações que contam e reflectem boa vontade.

Entusiasmo não nos falta, cabendo aos sócios ajudarem-nos, porque montar uma peça resulta dispendioso e a Comissão Administrativa, que actualmente dirige o Glória, não nos pode auxiliar muito, financeiramente, visto que se encontra também a braços com dificuldades no mesmo capítulo.

— E quanto a repertório da próxima época?

— Estamos a ensaiar «As duas máscaras», de Eduardo Schwalbach. Depois, pretendemos ensaiar as peças «Está lá fora um inspector», de Priestley, «Justiça», de Ramada Curto, e outras, se o tempo no-lo permitir. Haverá quem nos julgue, talvez, arrojados em levar à cena peças de certa categoria e responsabilidade, mas fazemo-lo por confiarmos na capacidade dos nossos amadores, a quem desejamos dar boas oportunidades de revelarem os seus méritos. De resto, o público de Vila Real tem evoluído no seu gosto e é exigente, pelo que já não suportaria «pêcinhas» para principiantes.

— E no tocante ao futuro?

— Está dentro da nossa directriz — diz nos ainda José Padesca — levar à cena peças especialmente dedicadas às crianças, uma modalidade de teatro de que é necessário cuidar, para complemento da educação infantil. Contamos agora com o valioso concurso do senhor José Parre, como ensaiador, e se mais componentes se juntarem a nós, talvez seja possível realizarmos trabalho de mais fôlego. E para terminar, seria interessante que o nosso grupo pudesse levar à cena uma revista com carácter local, mas infelizmente ainda não apareceu quem, conhecedor do ambiente, se proponha escrevê-la.

Aos escritores, dramaturgos e poetas vilarealenses, aqui fica lançado o alvitre.

Pois muito agradecemos, amigo Padesca, as suas informações e oxalá que os bons propósitos de valorização do Grupo Dramático «Gil Vicente» sejam devidamente secundados, com o carinho e o apoio a que têm jus. ASAS

**BIBLIOTECA DOS RAPAZES**

Uma variada, instrutiva e valiosa colecção de romances para os jovens

Os melhores autores para a juventude, através das obras mais representativas

AVENTURAS DUM RAPAZ NAS FLORESTAS DO AMAZONAS, por Ballantyne . . . . .	br. 20\$00
A ILHA DE CORAL, por Ballantyne . . . . .	br. 20\$00
O CAVALO PRETO, por Anna Sewell . . . . .	br. 18\$00
O PIRATA, por Marryat . . . . .	br. 18\$00
O RAPTO, por Stevenson . . . . .	br. 20\$00
AVENTURAS DE TOM SAWYER, por Mark Twain . . . . .	br. 18\$00
AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN, por Mark Twain . . . . .	br. 20\$00
VIAGENS DE TOM SAWYER, por Mark Twain . . . . .	br. 18\$00
VIAGENS DE GULLIVER, por J. Swift . . . . .	br. 20\$00
O ROBINSON SUÍÇO, por R. Wyss . . . . .	br. 18\$00
ROBINSON CRUSOE, por Daniel Defoe . . . . .	br. 20\$00
DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel de Cervantes (Edição ilustrada) . . . . .	br. 20\$00
O CAPITÃO FRACASSO, por Teófilo Gautier . . . . .	br. 18\$00
OS CAÇADORES DO ARCANSAZ, por Gustave Aimard . . . . .	br. 20\$00

Fornecem-se os volumes desta colecção em encadernação própria

A VENDA NAS LIVRARIAS — Edições da PORTUGÁLIA EDITORA — Avenida da Liberdade, 13 — LISBOA

**CINE-FOZ IMPRENSA**

Apresenta, hoje, em technicolor, a super-produção — O Mundo nos seus braços, com Gregory Peck, Ann Blyth e Anthony Quinn. Aventuroso que não temem os perigos do mar, enfrentam a fúria dos comarcos, onde imperava o chicote e a tirania nas masmorras de Sika, para conquistarem o amor dum princesa russa. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Quinta-feira, 4 de Novembro, um filme sobre a batalha de Tobruk, da última guerra, Os ratos do deserto, com Richard Burton, Robert Newton e James Mason.

Após 242 dias de cerco a cidade é salva. Os homens que lutaram contra o Afrika Corps de Romel, de El Alamein a Tobruk e do Canal de Suez até ao mar, transformaram a derrota derrota na mais retumbante vitória. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

Brevemente: Luzes da Ribalta, com Charlie Chaplyn.

**CORTE DE COSTURA**

Irma dos Mártires Mateus participa que abriu uma inscrição para corte e costura, em conjunto, habilitando as alunas a aprender a confecionar todos os trabalhos referentes ao mesmo curso.

Preços módicos. Quem pretender inscrever-se pode fazê-lo na Rua Teófilo Braga, n.º 59, nesta vila.

*Holland-America Line*

AGENTES GERAIS  
CARLOS GOMES & C.ª L.ª  
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA  
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

**“ALMDYK”**

carrega em LISBOA em 27 de NOVEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DONGEDYK» — 5 de Novembro  
«DALERDYK» — 27 de Novembro

«Voz do Sul»

Com o seu número de 5 de Outubro, comemorou o nosso prezado colega «Voz do Sul», de Silves, o seu 40.º aniversário. Semanário regionalista republicano, tem sido, através da sua já longa vida, um acérrimo defensor dos interesses da região onde se publica.

Cumprimentando o seu distinto director, sr. Henrique Martins, felicitamos a «Voz do Sul», desejando-lhe muitas prosperidades e muito mais longa vida.

**«Brados do Alentejo»**

Este nosso prezado colega, que se publica em Estremoz, festejou, no passado dia 12 do corrente, o segundo aniversário, sob a direcção do sr. eng. André Tavares. Periódico que já conta vinte e quatro anos de existência, pode afirmar-se que é, presentemente, valioso órgão de um são e bem compreendido regionalismo, e um dos melhores jornais da imprensa provinciana.

Felicitando o seu director, fazemos votos pelas prosperidades do jornal que tão brilhantemente dirige e para que encontre as maiores facilidades no prosseguimento do «rumo traçado, lutando pelo progresso do Alentejo, pelo prestígio de Estremoz e pela honra e força moral da imprensa», como se propõe.

**«Correio de Azeméis»**

Iniciou o seu 55.º ano de existência o nosso prezado colega «Correio de Azeméis», que se publica em Oliveira de Azeméis, sob a direcção do sr. Dr. Martinho Luís de Almeida, sendo seu proprietário e administrador o nosso estimado amigo, sr. Francisco José Landureza.

Apresentando ao seu distinto corpo directivo os nossos cumprimentos de felicitações, desejamos aquele nosso colega as maiores prosperidades.

**«Os Carlos»**

Segundo o boletim mensal do Grupo Onomástico «Os Carlos», de que temos presente o número respeitante a Outubro, aquela simpática agremiação completa 24 anos de existência, no próximo dia 4 de Novembro.

Trata-se do primeiro grupo onomástico que se fundou em Portugal, e que, neste relativamente curto espaço de tempo, pôde, com os seus próprios recursos, a par de um movimento de boa camaradagem, erguer uma obra de assistência a favor dos homónimos pobres, carecentes de auxílio moral e de protecção, a qual se pode considerar altamente louvável.

Felicitando «Os Carlos» por tão festiva data, cumprimentamos o jornalista Carlos de Ornelas, brilhante director do seu Boletim.

**VINHOS**

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

---

**CASA**

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila. Tratar na Avenida da República, n.º 118.

**Campeonato Nacional da III Divisão**

INICIA-SE, no próximo dia 7, o torneio do Algarve, para apuramento dos representantes da nossa provincia no campeonato Nacional da III Divisão.

O representante do futebol da nossa vila, o Lusitano, em virtude da má classificação obtida na passada temporada, terá que disputar o campeonato menos categorizado da organização futebolística nacional.

Longe de constituir um motivo de desalento, a desarmonia entre a presente situação e a história já longa e muito brilhante do clube, resultará, cremos, um precioso estímulo para que os seus jogadores, dirigentes e massa associativa lutem animosamente, no sentido de reconduzirem a colectividade a um nível mais compatível com os seus pergaminhos.

Confiando que assim suceda, desejamos ao nosso velho Lusitano boa sorte para a temporada que vai encetar, dentro de breves dias. Damos, a seguir, o calendário da prova.

1.º Domingo — Boa Esperança-Louletano, em Portimão; Lusitano-C. F. Esperança, em Vila Real de Santo António; Silves-S. Lisboa e Faro, em Silves.

2.º Domingo — Lusitano-Boa Esperança, em Vila Real de Santo António; S. Lisboa e Faro-Louletano, em Faro; C. F. Esperança-Silves, em Lagos.

3.º Domingo — Boa Esperança-Silves, em Portimão; Louletano-Lusitano, em Loulé; C. F. Esperança-S. Lisboa e Faro, em Lagos.

4.º Domingo — Boa Esperança-C. F. Esperança, em Portimão; Louletano-Silves, em Loulé; Lusitano-S. Lisboa e Faro, em Vila Real de Santo António.

5.º Domingo — S. Lisboa e Faro-Boa Esperança, em Faro; C. F. Esperança-Louletano, em Lagos; Silves-Lusitano, em Silves.

Os jogos da 2.ª volta efectuar-se-ão nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

**Visado pela Comissão de Censura**

V. Ex.ª precisa de **MÓVEIS** modernos, práticos ou peltados? CONSULTE A **Casa PATROCÍNIO** que lhe proporcionará o mais perfeito trabalho.

**Agência Funerária**  
R. Cons. Frederico Ramirez, 42-44  
Vila Real de Santo António

**TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA**  
em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão (Comercial ou Técnica), executo em m/ casa, em máquina nova própria, com rapidez e discreção.  
F. MORAIS RODRIGUES  
Rua Miguel Bombarda, 30  
Vila Real de Santo António

**Tinturaria Portuguesa**  
APARTADO N.º 24  
MATOSINHOS

**RELÓGIOS**

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS  
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

**RAMOS & MATEUS**

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

# HOMENAGEM

## ao dr. Guerreiro Murta

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ra, dr. Cruz Barreto, dr. Chaves Ferreira, engenheiros António Pedro Mourão e Serra Santos, dr. Fernandes Tavares, Américo Carmo e Cunha, dr. Carlos Henrique, dr. Baptista de Oliveira, dr. António Rosa Botilheiro, dr. João de Matos Rodrigues, dr. João Formosinho Simões, dr. Ribeiro de Almeida, representante do dr. Fidelino de Figueiredo, dr. David Santos, dr. Cardoso Cunha, J. Agostinho Fernandes, dr. Mariano Ascensão, eng. Bandeira de Melo, major José Jacinto do Nascimento Moura, coronel Cardoso dos Santos, José Barão, dr. D. Irene Callapez, dr. Valentim Lourenço, dr. Assunção Teixeira, senhora de Ferreira Lima, D. Maria Manuel e D. Maria Fernanda Mendonça, dr. Viriato Borja Santos, José Joaquim Rita Seixas, José da Silva Pinharanda, dr. Augusto Macedo Sá da Costa, Mário Macedo Sá da Costa, Bartolomeu Guerreiro, Manuel Móra Féria, Jerónimo Gregório Marcos, Fernando Camacho, José Martins Ferreira, dr. Gama Lança, capitão Numa Pompílio, dr. Luis Chaves (pela Escola Académica), dr. João Lapa, dr. José Chaves Ferreira, Humberto Martins Simões, Artur José Craveiro Lopes, Fernando Xavier Antunes, Fernando Ferreira Lima, José Nunes dos Santos, Francisco José Victoriana Gomes, Raúl Contreiras, dr. Luciano Pereira, José Marques dos Santos, Inácio Gomes Baptista, Miguel Fazenda, Carlos Pacheco, José Simão, Rogério Inácio Filipe, dr. Ruy Dias Lapa, dr. Nicodemus Pereira, dr. Jaime Xavier de Brito, dr. Garcia Pereira, dr. D. Joana Roriz, D. Felismina Madeira, D. Carmen Nunes, Virgínia Falcão, e D. Ondina Vasconcelos, dr. Alvaro Duarte, dr. Correia Monteiro, dr. Dantas de Brito, dr. Assunção Teixeira, dr. José Manuel Azevedo, dr. Francisco Evaristo, dr. João Pimentel Júnior, dr. Aníbal Sarmiento Galvão, padre António de Queirós, dr. Fonseca Júnior, Fernando Rodrigues, João Pinto Ribeiro, Antero Braz, dr. José Gonçalves Vaz, João F. Couto, dr. Aníbal Cardoso Cunha, eng. António Santos Furtado, dr. António Rosa Portilheiro, dr. Rolando Espinho Moisés, Fernando Honrado (por seu pai), Artur Portela (filho), Luís de Almeida Neto, dr. António Rodrigues da Silva e Soares Fabião.

Abriu a série de brindes o presidente da Assembleia Geral da Casa do Algarve, sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, que traçou em breves palavras a figura moral e intelectual do homenageado e felicitou a Direcção da colectividade pela sua iniciativa. Seguidamente, o presidente da Direcção, sr. major Mateus Moreno, agradeceu a colaboração de todas as individualidades presentes àquela festa em honra de um dos mais prestantes semeadores da cultura do espírito e dilectos filhos do Algarve.

«Está, assim, mais uma vez de parabéns, não só Loulé, a prestigiosa terra natal do homenageado — acrescentou — mas toda a província.»

Ao traçar o elogio do dr. Guerreiro Murta, como escritor e pedagogo, professor distintíssimo, antigo presidente da Direcção da Casa do Algarve e actual reitor do Liceu de Passos Manuel e presidente da Direcção do Montepio Geral, o sr. major Mateus Moreno recordou ter sido em Faro, nas páginas do semanário académico «A Mocidade», por ele iniciado com os condiscípulos Graça Mira, Ascensão Mendonça e M. S. Botelho, em 1911, que o homenageado se começou a afirmar literariamente.

Mostra que toda a sua obra de escritor, onde o Algarve nunca é esquecido, mais não tem sido de que a continuidade e desenvolvimento dos pensamentos de bondade e formação moral então já expressos.

Enaltecedo os serviços que, com sua esposa, o dr. Guerreiro Murta tem prestado à Casa do Algarve, terminou brindando por todas as Casas Regionais, pelos professores e alunos do Liceu de Passos Manuel, pela Direcção do Montepio Geral, pela Imprensa e pela saúde e prosperidades do casal homenageado.

Feita, depois, pelo 1.º secretário da Direcção da colectividade, sr. Hermenegildo Neves Franco, a leitura da numerosa correspondência recebida, em que se contavam telegramas de saudação de categorizados elementos intelectuais, professores, estabelecimentos de ensino, individualidades algarvias, colectividades regionais, etc., brindaram: — o sr. juiz-conselheiro dr. Sousa Carvalho, que, associando-se à homenagem como amigo, como algarvio e como presidente da assembleia geral do Montepio Geral, disse ser tal homenagem um acto de justiça, que tinha a vantagem de fazer ver à

provincia do Algarve que em Lisboa há filhos que a servem com dedicação. Fazendo caloroso elogio das qualidades morais e intelectuais do sr. dr. Guerreiro Murta, enalteceu o seu grande amor pelo Algarve e bebeu à sua saúde e de sua esposa; o sr. dr. Sousa Carrusca, como velho amigo também, representante do conselho fiscal do Montepio e presidente do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve; o sr. eng. José António Madeira, como conterrâneo, vice-presidente da Direcção da Casa do Algarve e defensor dos interesses do conceito de Loulé no dito Conselho Superior Regional, dos quais se ocupa, em rápido balanço; o sr. dr. Garcia Domingues, como presidente da Comissão Cultural da Casa do Algarve; o sr. prof. dr. André Velasco, em nome do corpo docente do Liceu de Passos Manuel; o sr. H. Neves Franco, como antigo aluno do Liceu de Faro; os srs. Artur Portela (filho) e dr. Rolando Espinho Moisés, em nome dos antigos alunos do homenageado, nos liceus de D. João de Castro e de Passos Manuel; o sr. dr. Rodrigues da Silva, como antigo colega no curso de Direito e grande admirador da obra literária e pedagógica do homenageado, e o sr. Soares Fabião, pelos empregados do Montepio Geral.

Todos os oradores tiveram palavras do mais vivo apreço pelas qualidades de inteligência, de carácter, de disciplina e de bondade do sr. dr. José Guerreiro Murta, anunciando o último que muito em breve lhe será prestada, no Montepio Geral, merecida consagração pelos importantes serviços que ali tem realizado.

Por fim, o homenageado agradeceu sensibilizadamente todas as palavras que lhe foram dirigidas, as quais atribuiu à amizade, sentimento que considera um dos melhores presentes da vida; saudou particularmente a anterior e actual direcções da Casa do Algarve, pela sua já notável obra regionalista, que não pode ser desconhecida de todos os concelhos da provincia, tão dignamente representados em Lisboa pela dita Casa, e depois de assinalar, com particular gratidão, a presença do seu dedicado editor o grande amigo, sr. Augusto Sá da Costa (pai), a quem toda a assistência tributou uma vibrante salva de palmas, afirmou que o êxito da sua obra de divulgação cultural em grande parte se lhe deve. Justificou as características fundamentalmente didáticas de quase todos os seus livros, que sempre procurou fosse um simples desdobramento das suas aulas de professor; elogiou o valor e a amizade do notável grupo de professores que no Liceu de Passos Manuel lhe têm facilitado a sua missão de reitor, e referindo-se ao êxito da sua acção no Montepio Geral, disse que o devia também, em parte, à colaboração dos seus colegas e dos funcionários. Focou, a propósito, a actividade do sr. dr. Pedro Pimenta nessa instituição, manifestando o desejo de que os algarvios se apercebam devidamente de um interessante aspecto da obra que ele já realizou — o ter enviado para o Algarve cerca de 15.000 contos, com benefício para a agricultura e para a industria locais. Referindo-se às considerações sobre interesses do concelho de Loulé, apresentadas pelo sr. eng. José António Madeira, disse concordar com a criação ali, como expôs na sua tese do último Congresso Regional Algarvio, de uma escola agrícola elemental, por ser a que melhor se acomodará às necessidades culturais da região. Terminou, manifestando a todos a sua gratidão, em seu nome e no de sua esposa, e rendendo as suas homenagens a todas as senhoras que gentilmente os quiseram distinguir, e à Casa do Algarve, com a sua presença.

Antes do almoço, foi inaugurada, numa das salas contíguas, uma exposição das obras literárias do homenageado.

Continua a campanha para se atingir os 110.000\$00 necessários para a execução da primeira fase das obras do Altar-mor.

28 de Outubro de 1954

O Pároco  
Padre Joaquim Galhardo

# A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do da melhor forma a campanha lançada pelo seu Pároco. Apreciamos, com incontida satisfação, continuar a registar, nas colunas do conceituado semanário da nossa terra, a lista já longa e eloquente, mas ainda insuficiente, dos contribuintes para esta importante Obra, que tanto ficará a valorizar a nossa igreja pároquial.

### OFERTAS (continuação)

Transporte	45.500\$00
Manuel Cumbera Corrêa e Família	2.500\$00
D. Amparo Pessanha de Barbosa	2.500\$00
D. Alice Garcia Ramirez	10.000\$00
Firma Lusofabril, Lda.	5.000\$00
Firma Raúl Folque e Filhos	5.000\$00
D. Maria Teresa Sanches	500\$00
Anónimo	1.000\$00
Pequenas pedras (oferta das meninas)	1.176\$60
Pequenas pedras (oferta dos meninos)	1.157\$60
D. Fernanda Le Cocq Abecasis	1.000\$00
Firmas João e José Baptista Brito	285\$00
M. Salvador Vaz Palma	50\$00
João Centeno de Sousa	500\$00
D. Maria das Dores D. Ramirez	100\$00
D. Laura Afonso Conceição	120\$00
D. Maria del Carmen Barroso	100\$00
Manuel Rodrigues A'lvares e Família	500\$00
Dr. Reinaldo Prazeres	100\$00
D. Maria Pepa R. Prazeres	100\$00
Menina Maria de Fátima Prazeres	100\$00
Menina Maria Margarida Prazeres	100\$00
Menina Maria Isabel Prazeres	100\$00
D. Julieta Carrilho Medeiros	1.000\$00
Menina Maria de Fátima C. Medeiros	100\$00
Farmácia Carrilho	250\$00
António Fernandes Vargas	100\$00
D. Maria Isabel Barbosa Centeno	1.000\$00
Menina Maria do Amparo B. Centeno	200\$00
Menina Maria Manuela B. Centeno	200\$00
Menino Rafael Barbosa Centeno	200\$00
Menina Maria Isabel B. Centeno	200\$00
Menina Maria da Conceição B. Centeno	200\$00
D. Maria Luisa Blanco Gomes	500\$00
D. Maria Merilha Domingues	100\$00
D. Maria da Purificação Correia	50\$00
D. Adelina Paula de Sousa	50\$00
D. Maria da Saúde S. da Cruz	50\$00
D. Catalina Martins e Martins (6 dias de trabalho)	30\$00
D. Maria Martins Palma (4 dias de trabalho)	20\$00
D. Antónia Prudência Oliveira	50\$00
A transportar	81.589\$20

Continua a campanha para se atingir os 110.000\$00 necessários para a execução da primeira fase das obras do Altar-mor.

28 de Outubro de 1954

O Pároco  
Padre Joaquim Galhardo

# A MIRAGEM DO CASAMENTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dências, confessei aquela paixão a um amigo íntimo, recomendando-lhe logo: «Se eu um dia desaparecer, você comunique à autoridade... Foi esta mulher que me raptou!»

Meses depois, casei com uma esbelta rapariga, modesta e honesta, mais pobre que a professora. Mas casei ao meu gosto e fui feliz. O dinheiro, geralmente, torna-se um perigo incentivo à vaidade da mulher e ao egoísmo do homem. Contudo, não pretendo ferir o amor próprio dessa classe resignada e útil.

No Liceu de Faro, houve há anos uma professora que me diziam ser feia e má e excessivamente exigente nas matérias que lecionava.

As meninas suas discípulas, principalmente, espalharam que ela tinha feito testamento para deixar o seu corpo a um Museu de Antropologia, para estudos; outras, menos venenosas, limitavam-se a segredar que essa professora usava, nas articulações dos braços e das pernas, molas de azinho...

Pobre senhora! A mocidade irreverente era-lhe tão hostil, como em Coimbra, anos atrás, o fora com

os professores Pedro Penedo da Rocha Calhau, Patagônia e Assis...

Um humorista da minha terra, com uma língua temperada em nitrato de prata, disse-me uma vez: «Essa mulher é feia e tenebrosa como uma noite de trovões.» Tinha, nesse Liceu, um neto a arder...

Mas eu também lá tinha um neto, que falava da mesma professora com respeito e simpatia...

A sua exigência consistia em que os alunos aprendessem! Debaixo dessa decantada fealdade, havia um clarão de sabedoria que ela tentava espalhar pelos cérebros dos seus discípulos, mas que uns sabiam aproveitar e outros não. A verdade acima de tudo, com o seu manto de fantasia, como o Eça a desenhou...

O escritor italiano Mantegaza fez, vai para meio século, um ruído sensacional com a sua «Fisiologia do Casamento». Estava em moda esse problema social, hoje atirado para as bibliotecas dos estudiosos, como salvados dum naufrágio longínquo...

O casamento, todavia, nunca atravessou uma crise aguda como agora. A vida encareceu, tomou um rumo de esbanjamento e perdição que é de arrepiar ou mesmo de varrer o juízo... Ninguém quer ser o que é; todos querem ser o que não são. Com tal modo de pensar e de proceder, não há dinheiro que chegue para satisfazer todos os caprichos das mulheres e todas as extravagâncias dos homens...

O sexo forte e o sexo fraco deram-se as mãos para os seus desatinos, para as suas loucuras dissipadoras. Não enxergo já classes dirigentes. Todas as classes são dirigidas pelo mesmo sentimento de inconsciência e de insensatez.

Querem exemplos? Podia apresentá-los às dezenas. Não vale a pena. A Humanidade é sempre a mesma enferma — na frase de Antero de Quental e de outros pensadores.

Passámos a tomar o afamado chocolate espanhol Matias López, às avessas: antes e depois. Antes, aparecia um homem, faminto e esquelético; depois, um homem nutrido e risonho.

A miragem do casamento moderno é ao contrário: antes, tudo são risos e venturas; depois, tudo são lágrimas, desesperos, faltas e recriminações mútuas...

As excepções não marcam, pois já um esquecido poeta português, Xavier Cordeiro, escrevia:

Vinte anos amou Petrarca  
Laura de Nemis, bem sei;  
Petrarcas são excepções.  
Excepções não fazem lei.

Marcos Algarve

cuídamos, achando-se acima de todas as paixões do momento. Proclamam então a «verdade» e afirmam que só essa os embriaga e interessa. Falam então em «domínios fora da cultura», acarinham uma «cultura» que é uma pura falsificação dos esforços do homem; falam numa «verdade» que surge mutilada, despedaçada, despida de todo o interesse humano; falam numa «imparcialidade» que trai toda a verdadeira independência perante os problemas prementes do homem e da sua época.

No fundo, é bem a fábula do pássaro azul, o pássaro que constantemente mudava de cor, quando os homens tentavam lançar-lhe as mãos.

Rodrigues Pena

# FUTEBOL AMADORISTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vos e o oportunismo de certos generais da bola lançaram uma cortina de confusão no meio do público. Existe um pecado original e uma falta de princípios que, muitas vezes, transformam os dirigentes dos clubes amadores em simples joguetes de meia dúzia de falsos idealistas que... pretendem implantar o profissionalismo, inventando razões fantásticas que, em resumo, costumam ser:

a) — Razão de equiparação — O actor e o artista de circo, o toureiro e o «boxeur», são profissionais. Porque não há-de o futebolista viver do produto dos campos de futebol, tal como aqueles vivem do palco e da arena, do redondel e do «ring»?

b) — Razão de moral — O futebol é um espectáculo rico. As receitas da bilheteira levam vários destinos e... mantêm treinadores, técnicos e uma multidão inconcebível de muitos outros funcionários. Estas receitas aumentam ou diminuem, consoante a técnica e a classe dos clubes em competição e, logo, conforme as possibilidades dos que jogam. Sendo assim, porque não hão-de estes auferir o produto dos bens que criaram?

c) — Razão de nacionalismo — O prestígio nacional exige a valorização do desporto, em virtude das desprimorosas derrotas com agrupamentos estrangeiros.

d) — Razão desportiva — O público insta cada vez mais pelo desenvolvimento dos desportos. Ora, um melhor futebol só se conseguirá com treinos constantes, repouso vigiados, alimentação adequada, ginástica obrigatória e aulas de teoria. Este programa de trabalho exige que o jogador não tenha qualquer outra actividade.

Tudo o que, de há anos, se vem escrevendo gira à volta destes estafados pontos que, deste modo, cons-

tituem como que o ideário do «partido profissionalista» — grupo aguerrido onde milita a fina flor do jornalismo desportivo português e, paradoxalmente, o homem que os clubes amadores colocaram à frente da Federação!

A opor-se a esta corrente doutrinária, temos apenas o grupelho dos amadoristas, ricos de sinceridade mas pobres de tudo o mais. Destelado, agitam-se, sem grande convicção, os seguintes pontos de vista:

a) — Razão de natureza — O futebol não é um espectáculo, mas um desporto. E como tal, não pode ser remunerado.

b) — Razão de moral — O desporto, para ser escola de virtudes, exige que o jogador veja nele um simples

passatempo das horas que lhe sobram do seu trabalho quotidiano.

c) — Razão desportiva — O profissionalismo conduzirá ao desfalcamento sistemático dos clubes amadores, fazendo baixar o nível destes e tornando mais difícil o recrutamento de novos valores.

d) — Razão social — A remuneração, relativamente elevada, do jogador é um mau exemplo posto à Nação, onde o trabalhador vence salários baixos.

Eis, em síntese, os pontos básicos que não só alimentam as estereis polémicas dos jornais como também têm criado toda a confusão existente, que ameaça atirar por terra todo o futebol português.

J. Silva Garvalho

# O MITO DA IMPARCIALIDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

A imparcialidade na apreciação das pessoas e acontecimentos torna-se impossível, se entendermos bem por essa imparcialidade o alheamento das paixões, o *au-dessus* de todas as influências e interesses. Mas os homens, para viverem, são obrigados a cultivarem o seu canteiro, à semelhança do que acabou de fazer o Cándido, de Voltaire, e assim criam os seus interesses, os seus laços sociais, as boas ou detestáveis paixões. Não é de estranhar, pois, que os homens, vivendo vidas diferentes, interpretem o mundo de maneiras diferentes, isto é, apresentem consciências opostas. Ora, verificada a impossibilidade do indivíduo não poder alhear-se do mundo, tendo de viver na sociedade, não é difícil descortinar que as suas opiniões, as suas ideias, as suas preferências, sejam comandadas pelas realidades que o rodeiam, pelos interesses a que se encontra ligado. Mas o processo a que obedece a formação das ideias nem sempre se identifica com a situação social do indivíduo, nem sempre o pensamento traduz correlação com a sua vida. E' que cada época apresenta as suas ideias dominantes, impostas por um sector dominante da sociedade a toda a humanidade, embora essas ideias nada representem ou signifiquem da vida e interesses da maior parte das pessoas.

De qualquer maneira, todo o

processo do pensamento prende-se na vida, enraíza-se numa realidade situada no tempo e no espaço. Falar de «independência» ou «imparcialidade», ignorando todos os factores que determinam uma conduta social, é acreditar num mito que jamais se verificou na história dos homens. O homem, interessado ou desinteressado, não pode fugir às paixões do seu tempo, não pode deixar de tomar posição, embora muitas vezes o faça tácitamente e as suas inclinações não surjam com a necessária clareza.

Não podemos dizer que as nossas ideias são «livres», ou que as nossas opiniões promanam dum espírito livre — desde que não tenhamos em devida conta a formação e origem das nossas ideias e opiniões, em suma, desde que ignoremos o mundo objectivo que condiciona e determina o nosso pensamento. A busca da verdade nunca assumiu uma atitude desinteressada, talvez a não ser para raros, e todas as actividades do homem traduzem bem os interesses que o movem. Por isso, quando tantos se vangloriam da sua «imparcialidade» ou «independência», não estão a fazer outra coisa do que lançar poeira nos olhos dos vizinhos, ou a enganarem-se a eles próprios. Queremos fazer acreditar que se esqueceram do seu canteiro, e não têm quaisquer interesses a combater ou a defender, e assim, passaram aos nossos olhos como pessoas que neste mundo nem de flores

## FOGÃO A LENHA

Vende-se um fogão a lenha, em bom estado, marca «Oliveira».

Trata: Luis Félix da Silva — Vila Real de Santo António.

Está triste?  
A vida corre-lhe mal?  
...  
«CARA ALEGRE»  
Revista de BOM HÚMOR  
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 11 DE CADA MÊS  
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.